

A inteligibilidade na comunicação da obra *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa

Vanessa Koudsi Faustini

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

vanessa@faustini.com.br

Resumo. *A língua pode ser considerada instável, estando a favor da necessidade dos indivíduos no âmbito social. O autor João Guimarães Rosa vem comprovar a dinamização da língua na criação de recursos lingüísticos que dificultam a compreensão total de seus textos, e ao mesmo tempo, ocasionam diversas interpretações sobre o mesmo tema.*

Abstract (ou Resumen). *The language can be considered instable according to the necessity of the individuals in the society. The brazilian author, João Guimarães Rosa, can prove the dynamism of the language by creating linguistics recourses wich are the complexit symbol of the text compreenhesion, at the same time, this recourses can exalt many interpretations of the same theme.*

Palavras-chave: usos da linguagem; compreensão; recursos lingüísticos.

1. Introdução

Como pode ser tão difícil compreender os textos de alguém que escreve na minha língua materna? É esta pergunta que dá início ao artigo em questão, o qual pretende demonstrar as diferentes formas de inteligibilidade que João Guimarães Rosa utiliza na produção dos contos de *Primeiras Estórias*. De acordo com Koch (1995), a linguagem humana pode ser percebida como a união de três concepções: “uma representação do mundo e do pensamento, um instrumento de comunicação, uma forma de ação e interação”, ou seja, nada nela pode ser considerado estático ou imutável. Neste contexto, pode-se afirmar que Guimarães Rosa corrobora a dinamização da língua ao criar recursos lingüísticos que consentem numa leitura de diversas interpretações.

Para compor este artigo foi necessário limitar a pesquisa em três partes: análise lexical, análise sintática e análise dos neologismos, especificidades que permitiram ao autor a invenção de uma nova literatura, não apenas uma literatura regionalista, mas sim, intimista e inovadora, repleta de experimentações da própria linguagem, as quais instituem uma “plumagem e canto das palavras”, na junção dos aspectos auditivos e visuais, compondo uma verdadeira orquestra sonora.

2. Fundamentação Teórica

Há controvérsias quando o assunto é “o sentido do texto”; de um lado, comenta-se que o sentido do texto é válido a partir do momento em que o leitor assume o papel de co-

autor, e, portanto, colaborador da história, concedendo-lhe o significado de textualização nas compreensões que um mesmo registro pode suscitar: *Nesta direção, penso que se pode defender a idéia de que o árbitro definitivo da leitura é o texto, desde que o texto seja concebido discursivamente, isto é, seja tomado como submetido a todas as restrições históricas que normalmente o afetam, e que afetam, portanto, seu autor e seu(s) leitores(es), submetendo-os tanto às regras de circulação quanto às de interpretação.* (Possenti. 2001:30). De outro lado, acredita-se (ainda que em minoria) que o texto traz seu sentido próprio, independente das possíveis interpretações que o leitor pode realizar; depende-se, portanto da concepção de linguagem assumida pelo interlocutor, linguagem esta, que pode assumir diferentes formas de acordo com diversos fatores, tais como o tempo e o espaço, a qual, na visão de Koch (1995), pode ser considerada “uma representação do mundo e do pensamento, um instrumento de comunicação, uma forma de ação e interação”.

Apesar da complexidade dos estudos sobre a formação e utilização da língua, pode-se afirmar que esta é o principal instrumento de interação entre os indivíduos de uma ou mais sociedades. Assim como a evolução do ser - humano, a língua acompanha as transformações do âmbito social, sendo ela mesma modificada no transcorrer do tempo; algumas teorias justificam os motivos que permitem a mudança da língua até certo limite, de qualquer forma, ela não pode ser avaliada igualmente de quando se iniciou, visto que a tendência é ser modificada de acordo com a necessidade da sociedade.

A fim de corroborar a fundamentação acima, o livro *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa, foi analisado para explicitar alguns recursos que ocasionam a dinamização da língua.

Último livro a ser publicado em vida, *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa, reúne 21 contos – de diversas categorias: autobiográfico, fantástico, satírico, dentre outros - considerados nada mais do que uma “atordoante poesia”, tendo como cenário o espaço rural da literatura regionalista brasileira do século XX. Livro de uma complexidade marcante - característica presente nas obras do autor – *Primeiras Estórias* evoca um questionamento tão comum aos leitores de Rosa: por que é tão difícil compreendê-lo se ele fala a minha língua materna? Para tanto, faz-se necessário analisar mais intensamente a obra anteriormente citada.

O conhecimento de ao menos trezes línguas, faladas pelo autor, permitiu a “composição de um léxico literário cuja variação fonética é tão rica e irregular quanto à da linguagem viva com que o homem se define diariamente.” (p.8); a obra é, portanto, uma criação e recriação de significados (alguns incompreensíveis a uma primeira leitura) e de múltiplas interpretações. A complexidade dos personagens de *Primeiras Estórias* na construção de textos cuja variedade se encontra na própria finalidade moralística da história, cujas explicações estão aquém ao significado de dicionários e soluções racionais. Neste sentido, o autor elabora uma linguagem, tal como seus personagens, repleta de mistérios e novidades, perceptíveis apenas aos dedicados leitores (os quais, na tentativa de descobrir os segredos da linguagem roseana, sofrem da mesma forma).

3. Análise dos dados

A análise dos recursos lingüísticos na obra *Primeiras Estórias*, é antes um facilitador na leitura da obra, uma vez que este trabalho não tem intenção de mensurar as ocorrências dos recursos, mas sim de apresentar os principais elementos que dificultam a leitura desta obra. Apontaremos, pois, os recursos lingüísticos em fatores externos, àqueles que são próprios da composição formal dos contos - são eles: enfoque narrativo, estilo, oralidade e sonoridade -, e fatores internos, àqueles que são próprios da construção da língua - são eles: léxico, sintaxe e neologismos -, fatores aqui delimitados, uma vez que impossível seria resumir tamanha arte de exploração.

Para a composição do artigo foi necessário limitar a questão da exemplificação apenas para os fatores internos, visto que o contexto é lingüístico – e pouco literário - portanto, com relação aos fatores não-lingüísticos, houve uma preocupação apenas de explicar a forma como Guimarães utiliza-se da linguagem para criar um ambiente tipicamente regional e complexo. A pesquisa foi realizada em três etapas: a primeira foi ocasionada pela leitura da obra; na segunda etapa, foram destacadas as possíveis incidências de complicação de compreensão do texto; já na terceira, os recursos localizados foram divididos em fatores internos e fatores externos, de acordo com a explicação anterior. Este trabalho, inicia-se, pois com a explicação dos fatores externos.

A técnica das múltiplas formas de narração possibilita ao leitor uma participação mais efetiva nas “primeiras estórias”, ao transportá-lo de sua posição original à uma posição mais funcional, na qual se torna o co-autor – e até mesmo um cooperador - das intenções ali registradas; esta empatia, entre leitor e narrador, – aqui vale ressaltar que narrador é diferente de autor, apesar de se ter muita biografia de Guimarães nos contos produzidos – faz-se necessária, uma vez que o escritor nos “obriga” a realizar uma segunda leitura na busca de uma melhor compreensão. Em linhas gerais, dividem-se em dois os tipos de narradores: primeira (“-Tarantão, meu patrão”) e terceira pessoa (“Sequência”), no entanto, pode-se confirmar a não-presença de um padrão narrativo, já que existe uma alternância entre os papéis de narrador - um é testemunha, o outro é membro da família, um é ausente, o outro está presente na própria história...

Nas palavras de Paulo Ronái “O leitor brasileiro que porventura entrar em contato com a arte de Guimarães Rosa através de *Primeiras Estórias* inevitavelmente haverá de experimentar um choque, devido à agressiva novidade do estilo...”. O “choque estilístico” provocado em *Primeiras Estórias* está intimamente ligado à fala do sertanejo, personagem predominante nas obras de Guimarães, uma vez que o autor prefere registrar as máximas ocorrências da linguagem regional, mesmo sendo ovacionada como não-padrão, que, por sua vez, possui uma alta complexidade que os falantes urbanos enfrentam ao tentar obter a máxima compreensão do texto; uma sugestão seria a de realizar a leitura em voz alta, uma vez que o texto é a cópia dos falares popular. À exemplo da presença da oralidade, pode-se citar o registro do particípio passado e do gerúndio, como em: “Acomodar aqueles hóspedes que chegados”, ou o uso do subjuntivo com importância de condicional: “Constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação.”.

Os fatores internos da língua podem ser divididos em três categorias, são elas: categoria do léxico, da sintaxe e dos neologismos. Para realizar a análise lexical em *Primeiras Estórias*, foi necessário cumprir três etapas: na primeira destacaram-se as

palavras consideradas “diferentes” do vocabulário corriqueiro do falante urbano; a segunda etapa consistiu em procurar no dicionário da Língua Portuguesa Larousse (Editora Ática) o significado das palavras separadas a princípio, das quais, foram destacadas aquelas que não estavam registradas no próprio dicionário, as quais foram confirmadas se pertenciam ao grupo lexical dos falantes rurais; uma questão tornou-se relevante para a finalização da terceira etapa, a de descobrir se determinadas palavras são admitidas como um neologismo ou um registro da língua popular? Para tanto, foi preciso ainda, desmembrar as palavras que não pertenciam nem ao léxico rural nem ao léxico urbano a fim de serem comprovadas como neologismos. São exemplos de arquétipos lexicais analisadas em *Primeiras Estórias*: “esporcar” (pág. 34); “aperreio” (pág. 61).

Em se tratando de neologismos, pode-se afirmar que o propósito do autor está mais atrelado à dinamização do uso da língua do que a intenção de confundir a compreensão da mesma em um contexto global. A criação de uma palavra nova ou a atribuição de um novo sentido a uma palavra usual é nomeada neologismo; no caso de *Primeiras Estórias*, o autor aproveita-se de ambos os conceitos (citados acima) quando institui os neologismos em sua obra, os quais podem ser decompostos na fusão entre dois vocábulos para enaltecer a identidade sonora da nova palavra, tal como em: circunstância + tristeza = “circuntristeza”, para atribuir tristeza em uma circunstância; no entanto, não somente na questão sonora se baseiam os neologismos, há, por exemplo, a tendência de modificar a classe do advérbio para a dos adjetivos ou substantivos, como em: “o meu mais-longe”, “aquela a-pique difícil fazenda”. Há ainda, os neologismos enigmáticos - pautaram a composição deste artigo – os quais constituem uma difícil decifração, como em: “...homens que pulando, gritavam, sebestos, diabruros.”, nesta passagem, a expressão “sebestos” pode ser confundida como um adjetivo (metido a sebo), ou como a união entre um pronome (se) e a palavra besta.

A análise sintática, que se refere ao estudo da oração e das regras de disposição das palavras na construção das frases, foi indispensável para a elaboração deste artigo, uma vez que a inversão deste padrão - na língua portuguesa determinado como sujeito + predicado + objeto - é recurso muito utilizado pelo autor; o leitor se depara com construções sintáticas “confusas” por não estar habituado a uma leitura tipicamente regional, o que ocasiona uma dificuldade na compreensão do texto. São exemplos de frases com estruturas sintaticamente inversas: “sem o jeito nenhum” (pág. 173), “Pensava no peru, quando voltavam” (pág. 5), “Enrolava-o de por dentro um estufo cansaço” (pág. 168).

4. Conclusão

Tal como a tinta e o pincel originam um quadro abstrato, assim, as palavras de Guimarães são instrumentos de trabalho que possibilitam criar e recriar múltiplas interpretações; o artista em questão não receia a crítica e, diferente de muitos da mesma estirpe, enaltece a cultura sertaneja, tatuada como inferior quando comparada ao cidadão urbano, na provação das diversas combinações do vocábulo. Apesar da constante presença das marcas lingüísticas denominadas como “popular”, o mundo do sertão é revelado como o universo de todos os seres humanos: cheio de angústia, dúvidas e complexidades pessoais; é a experimentação da linguagem, portanto, um elemento ambíguo por provocar a inteligibilidade dos significados ao mesmo tempo em que

esclarece os mistérios obscuros da humanidade (um questionamento aqui nos interrompe: será, pois, uma discussão simultânea entre a lingüística e a literatura? Ou seja, enquanto a lingüística transforma a compreensão dos textos roseanos, a literatura expõe-nas de modo intrínseco e mágico?

5. Referências Bibliográficas

FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, Polifonia, intertextualidade:** em torno de Bakhtin. São Paulo: EDUSP, 1994. 81 p. ISBN 85-314-0261-1.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. 7. ed. São Paulo: Ática, 1993. 431 p. ISBN 85-08-03468-7 (broch.)

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996. 240 p. ISBN 85-249-0329-5

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual.** 17. ed. São Paulo: Contexto, 2007. 118 p. ISBN 85-85134-60-7 (broch.)

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 1998. 115 p. (Repensando a língua portuguesa) ISBN 85-7244-025-9

DIJK, Teun Adrianus Van; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Cognição, discurso e interação.** São Paulo: Contexto, 1992. 207 p. ISBN 85-7244-014-3

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro :** história de uma ideologia. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1969. 339p.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso:** ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba: Criar, 2002. 260 p. ISBN 85-88141-18-3 (broch.)

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Estudos literários.** 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974. 504 p.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Trilhas no Grande sertão.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1958. 101 p. (Os cadernos de cultura)

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias.** 27. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c1988. 160 p. ISBN 85-209-0444-0